

OS EMPRÉSTIMOS DO PORTUGUÊS E DO INGLÊS NA LÍNGUA XICHANGANA EM MOÇAMBIQUE

BORROWINGS OF PORTUGUESE AND ENGLISH IN XICHANGANA LANGUAGE IN MOZAMBIQUE

*Alexandre António TIMBANE**

Resumo: A presente pesquisa versa sobre a problemática do contato linguístico entre o xichangana com o português e o inglês na região sul de Moçambique. O objetivo é identificar os empréstimos lexicais provenientes do português e do inglês no xichangana bem como os processos da sua integração. Conclui-se que os empréstimos vindos do português e do inglês são adaptados ortográfico-foneticamente integrando-se nas classes nominais e seguindo as normas da gramática do xichangana.

Palavras-chave: Empréstimos lexicais; Língua xichangana; Moçambique.

Abstract: This research focuses on the problem of language contact between the xichangana with portuguese and english in southern of Mozambique. The goal is to identify lexical borrowing from portuguese and english on xichangana well as the processes of integration. We conclude that the loans coming from the portuguese and english are adapted spelling phonetically integrating nominal classes and following the norms of xichangana grammar.

Keywords: Lexicals borrowings; Xichangana language; Mozambique.

Considerações Iniciais

Nos estudos da linguística, poucas pesquisas se interessam pelas línguas africanas que na sua maioria estão ameaçadas de extinção a curto/longo prazo. As línguas de origem bantu ocupam o maior espaço no continente africano e estão em mudança resultado do contato entre elas e/ou com as línguas europeias trazidas durante e pós-colonização. As línguas africanas, concretamente as línguas bantu¹

* Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara/SP, bolsista do CNPq. Responsável pelo Departamento de Francês, na Academia de Ciências Policiais (ACIPOL) de Moçambique. Contato: alextimbana@gmail.com.

¹ Termo introduzido por Bleek (1827-1875) para designar um grupo de mais de 600 línguas espalhadas desde África central até Austral cujas características linguísticas

foram ágrafas durante muito tempo e até hoje algumas delas ainda não padronizaram a ortografia nem têm gramáticas e nem dicionários. Estudos nesse sentido nos sensibilizam a pesquisar sobre o impacto das línguas europeias (inglês e o português) na vida da língua xichangana², uma língua localizada na região sul de África. É momento de se avançar na valorização política das línguas bantu fato que pode se concretizar através de políticas e planejamento linguísticos³.

Muitas línguas africanas ainda não são oficiais e não têm nenhum valor diante dos governos. Essas línguas precisam ser estudadas e ensinadas nas escolas para que os alunos tenham o direito de as usar uma vez que são línguas maternas e constituem a identidade cultural. Afinal, todas as comunidades linguísticas têm direito a um ensino que “permita a todos os seus membros adquirirem o perfeito conhecimento da sua própria língua, com as diversas capacidades relativas a todos os domínios de uso da língua habituais, bem como o melhor conhecimento possível de qualquer outra língua que desejem aprender” (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS, 1996, Art. 41). Este direito linguístico é ignorado pela maioria dos países africanos porque as crianças só aprendem em línguas oficiais de origem europeia, quer dizer, do colonizador. O estudo das línguas africanas abre caminho para a valorização, incentivo e chamada de atenção às autoridades na necessidade de se preservar e integrar as línguas na vida da sociedade como patrimônio cultural da humanidade.

O estudo das línguas bantu é importante também para o contexto brasileiro porque a formação do português brasileiro tem muitos de traços linguísticos de línguas africanas principalmente a nível lexical fato que se viu na língua veicular usada em Minas Gerais,

são semelhantes ou comuns. Bantu não é família nem indica origem de línguas, mas sim indica um grupo. (NGUNGA, 2004, p. 20-28).

² Há controvérsias quanto à grafia do nome “xichangana”. Alguns linguistas escrevem “xangan”, “changana”, outros “chichangana” ou “xangana”. Mesmo com a padronização das LB prevalece a dificuldade. Por opção, neste trabalho utilizaremos a grafia “xichangana” com “xi” seguindo o argumento do Siteo (1996, p.309) que defende que as classes 7 e 8, xi/svi referem aos nomes de línguas, de usos e de costumes.

³ Política linguística: determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade; planejamento linguístico: implementação das medidas tomadas. (cf. CALVET, 2007, p.11).

na Baía no séc. XVIII trazida pelos escravizados. Estudos de Bonvini (2008), Mendonça (1948), Petter (2006) e Castro (2006) mostram claramente a presença massiva de várias línguas bantu que influenciaram de certa forma para o português brasileiro atual. “Os negros trazidos como escravos vinham de várias partes de África, com maior concentração na região que vai da Nigéria, Angola, mas também Moçambique e em regiões mais ao norte do oceano Índico.” (ILARI; BASSO, 2006, p.75).

Neste trabalho vai se discutir a origem das línguas bantu, sua organização e localização. É uma forma de dar um panorama geral ou situação geral das línguas africanas. Em seguida vamos dar atenção especial a língua xichangana, nosso objeto de estudo apontando a localização e a situação política e do planejamento linguístico. Vai-se discutir o contato entre o xichangana com o português e o inglês fenômeno que provoca interferências e empréstimos linguísticos. Vamos analisar o impacto dos mídias moçambicanas na língua xichangana. Analisando o dicionário xichangana - português de Sítioe (1996) vai se procurar explicar as razões dos empréstimos bem como os processos que compartilham na sua integração no xichangana. Da pesquisa se conclui que a maior parte dos empréstimos no xichangana provêm do português e do inglês, embora havendo interferência do zulu e do afrikaans, duas línguas oficiais da África do Sul.

1 A língua xichangana: origem

A palavra *bantu* significa “gente”, “pessoas” em várias línguas africanas. Segundo Greenberg⁴ (1963) as línguas africanas se dividem em quatro grandes famílias e subfamílias: afro-asiática (semítica, egípcia, cushítica, berber e chádica), nilo-sahariana (songhai, saariana, maban, fur, chari-nilo, koman), congo-kordofaniana (níger-congo, kordofaniana) e khoisan (khoi, san, sandawe, iraqw, hatsa ou hadza).

⁴ Joseph Harold Greenberg (1915-2001) foi linguista norte-americano, que deu seu contributo à linguística, classificando as línguas quanto à tipologia. Professor na Universidade de Stanford, criou teorias relacionadas a conceitos linguísticos universais, implicativos universais, comparação léxica em massa, línguas Níger-Congo, línguas nilótico-saarianas, línguas afro-asiáticas, línguas ameríndias, línguas euro-asiáticas e línguas indo-pacíficas.

É da subfamília Niger-Congo que surgem as línguas bantu. Ngunga (2004, p. 50-53) mostrou que essas línguas receberam este nome devido a existência de características comuns entre elas. Algumas dessas características são: **a)** Ter um sistema de gêneros gramaticais, em número não inferior a cinco; **b)** Ter vocabulário comum a outras línguas, a partir do qual se pode formular uma hipótese sobre a possível existência de uma língua ancestral comum e **c)** Ter um conjunto de radicais invariáveis a partir dos quais a maior parte das palavras se forma por aglutinação de afixos: uma estrutura básica do tipo consoante-vogal-consoante ou ainda juntando-lhes sufixos gramaticais formam-se bases verbais. Segundo Greenberg

as línguas bantu compreendem um grupo de línguas com características comuns que se estendem desde a África ao sul do Sahara, incluindo quase toda a África ocidental, partes do Sudão central e oriental, sendo que seu sub-ramo bantu ocupa a maior parte da África central, oriental e meridional (GREENBERG, 1971, p. 131).

A localização das línguas faladas em Moçambique está intimamente ligada à expansão dos povos bantu desde a África Central até a Austral por volta do ano 200 a.C. As Línguas Bantu foram estudadas e classificadas por vários linguistas, mas pode-se citar os contributos de Malcolm Guthrie⁵ (1903-1972) e Joseph H. Greenberg (1915-2001) cujos seus trabalhos ou pesquisas possibilitaram dividir as línguas bantu em 16 zonas: **A, B, C, D, E, F, G, J, K, L, M, N, P, R, S**. Sendo assim, Moçambique foi abrangido por quatro zonas: **G, P, N, S**. Sendo assim, as fronteiras geográficas são diferentes das fronteiras linguísticas (cf. Mapa 1, mais adiante) fato que faz com que uma única língua seja falada em outras regiões de África.

Apesar de Moçambique ser composto por 10 províncias, as fronteiras geográficas nacionais e internacionais não respeitaram/respeitam as fronteiras linguísticas. As fronteiras geográficas foram criadas/inventadas na Conferência de Berlim (1884/1885) para responder aos interesses dos colonizadores do

⁵ Professor de línguas bantu fez estudos comparativos para classificá-las e foi quem deu o nome “Línguas Bantu”. Guthrie fez classificação geográfico-genealógica das Congo-Kordofaniana.

continente africano. Muitas línguas só estão divididas político-geograficamente, mas continuam sendo iguais em todos os aspectos lingüísticos: fonética-fonologia, sintaxe, morfologia, semântica, pragmática. Vejamos exemplos de línguas faladas em Moçambique e em outros países vizinhos. A seguir, o código entre parênteses indica a classificação usada pelo linguista Guthrie (Apud, NGUNGA, 2004)

- Língua Ciyaawo (P.20): Falado no Malaui, na Tanzânia, Zâmbia e no Zimbábue.
- Cinyanja (N31): Falado em Malaui e Zâmbia.
- Cinyungwe (N43): Falado em Malaui, no Zimbábue e Zâmbia.
- Cisena (N44): Falado em Malaui e no Zimbábue.
- Cindau (S15): Falado no Zimbábue.
- Citshwa (S51): Xichangana (S53), Xirhonga (S54): Falado no Zimbábue, Suazilândia e na África do sul.

Assim, as línguas faladas em Moçambique ficaram distribuídas da seguinte forma: Zona G: Grupo Swahile (**G40**), Zona P: Grupo Yao (**P20**), Zona N: Grupo Nyanja (**N30**), Zona S: Grupo Shona (**S10**), Grupo Tswa-Ronga (**S50**) e Grupo Copi (**S60**). Assim, a língua xichangana (**S53**) faz parte do grupo Tswa-Ronga juntamente com Xitswa (**S51**), Xigwamba (**S52**), Xironga (**S54**). Assim, o xichangana (**S53**) faz parte do grupo Tswa-Ronga juntamente com xitswa (**S51**), xigwamba (**S52**) e xironga (**S54**). Hoje, o xichangana (que é objeto da nossa pesquisa) é falado por cerca de 1.682.438 falantes dado que representa um aumento de 259.111 falantes se compararmos com o Recenseamento de 1997. (cf. NGUNGA; SIMBINE, 2012). Estudos feitas com línguas bantu angolanas comprovam que comportamento linguístico é semelhante em quase todos países. (cf. APONTES, 2010, p.47)

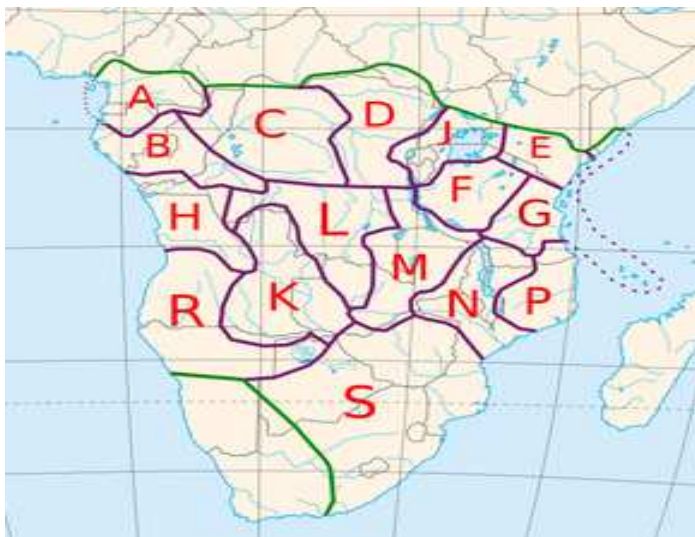
1.1 Localização geográfica das bantu Moçambicanas

Como se disse anteriormente, o deslocamento ou mesmo a dispersão dos povos bantu provocou a formação dos vários grupos lingüísticos, como se pode ver no Mapa 1. Esta dispersão que Ngunga (2004) designa por “fragmentação do núcleo proto-bantu” teve duas fases importantes:

a) A primeira dispersão para ocidente do continente africano atingindo as zonas **A, B, H, H, K**

b) segunda dispersão para oriente formando os grupos linguísticos que ocupam as zonas **E, G, P, F, J, M, N**. É importante sublinhar que a tendência da dispersão foi para o sul de África.

O mapa 1 já visualiza vários países africanos que abrangem a parte central e sul do continente africano. A língua xichangana que é objeto da nossa pesquisa é abrangida pela zona **S**, quer dizer a última parte baixa do mapa do continente africano.



Mapa 1- Classificação das línguas bantu

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_bantas

Este fenômeno da dispersão das línguas é comum em todas as línguas do mundo tal como demonstra Greenberg (1972) no sexto capítulo *Language, diffusion and migration*. O importante no estudo dessas línguas segundo Greenberg é observar os três métodos da classificação das línguas que são de maior significância. O autor destaca **a genética, a tipologia e a área**. Outro aspeto importante a reter é que a região centro-sul do continente africano não só foi predominado pelas línguas bantu. Ao lado esquerdo do grupo linguístico “S” (cf. mapa 1), o espaço ocupado pela República da África do sul, da Namíbia, de Angola e de Botsuana há comunidades

linguísticas falantes de línguas khoisan que têm origem bem diferente com as línguas bantu. As línguas Khoisan também podem ser encontradas numa pequena região da República da Tanzânia e da República do Quênia. Outras línguas não bantu que podem ser encontradas na região sul de África são as línguas austronésias que ocupam a República de Madagascar. São línguas de origem malaio-polonésia e a língua malgaxe (a mais falada do país) é língua oficial em paralelo com o francês.

1.2 Fronteiras Lingüísticas do Xichangana

No mapa 1 observa-se que o grupo linguístico da zona “S” extrapola as fronteiras políticas atuais. Isso significa que se pode encontrar o mesmo grupo em vários países da África Austral. Aliás, as zonas **S10** (Grupo shona), **S50** (grupo tswa-ronga) e **S60** (grupo cicopi) abrangem quase toda região de Moçambique.

O xichangana (pertencente ao grupo **S50**) é falado por 4,5% da população da República da África abrangendo as regiões de Limpopo, Gauteng e Mpumalanga. Diferentemente de Moçambique, na África do Sul o xichangana é língua oficial juntamente com outras dez línguas bantu. O que aconteceu historicamente é que as populações bantu (que eram nômades) deslocaram-se da região central de África e se espalharam pela região sul do continente. As principais causas dessa expansão foram: (a) procura de melhores terras para a prática da agricultura; (b) lutas guerreiras entre diferentes etnias. Isso fez com que os **vachangana** (plural de **muchangana**) pudessem se desdobrar em vários grupos. Uma parte desse grupo se deslocou para região onde hoje é a província de Gaza, localizada a sul de Moçambique.

Essa dispersão dos povos bantu é mais visível quando se fala da língua swahili, uma língua bantu que é considerada a mais falada de África. O Swahili é falado na República Democrática de Congo, no Quênia, na Tanzânia, em Uganda, no Burundi, em Ruanda, na Somália, na Etiópia, no Madagáscar, em Comores, em Moçambique, na Zâmbia, etc. Esse exemplo ilustra claramente a diferença entre fronteiras linguísticas e fronteiras políticas.

O xichangana dentro do território moçambicano abrange principalmente três províncias, nomeadamente Maputo, Gaza e Inhambane e também em partes da província de Manica e Sofala. As

variantes do xichangana em Moçambique, segundo (SITOE, 1991, 1996; NGUNGA; SIMBINE, 2012) são: (a) hlanganu (falado nos Distritos de Namaacha, Moamba e Magude); (b) dzonga (falado nos Distritos de Magude, Bilene e parte de Massingir); (c) n'walungu (falado no distrito de Massingir); (d) bila (falado nos distritos de Limpopo e Chibuto); (e) hlengwe (Distritos de Xai-xai, Manjacaze, Chibuto, Guijá, Chiculalacuala, Panda, Morrumbene, Massinga, Vilanculo e Govuro). É importante lembrar que o xichangana falado na África do sul tem as suas variantes:

1.3 Características linguísticas da língua

A língua xichangana, tal como as outras línguas bantu faladas em Moçambique e em toda África possuem “um sistema de classes nominais, isto é, um sistema em que os nomes estão organizados por classes, de acordo com os seus prefixos nominais e marcas de concordância” (SITOE, 1996, p.309). Quando se analisa um grupo de palavras que pertencem a mesma classe nota-se que muitas delas exibem um certo tipo de conteúdos semânticos. Por exemplo: as classes 1 e 2 (*mu/va*) se referem aos seres humanos; as classes 3 e 4 (*mu/mi*) pertencem as plantas; classes 7 e 8 (*xi/svi*) nomes de línguas, de usos e costumes; classes 9 e 10 [*yi(n)-ti(n)*] referente aos nomes de animais; as classes 16, 17, 18 (*ha, ku e mu*) são locativos.

A raiz verbal no xichangana compreende apenas (a) vogal, (b) consoante, (c) consoante/ vogal/ consoante, (d) consoante/ vogal/ consoante/ vogal ou mais. Predomina o que Greenberg (1971, p.126) designa por “derivação verbal”. Outra característica da língua é que o xichangana “é uma língua tonal, sendo, pois, o tom contrastivo em termos sintáticos e lexicais. Há dois tons básicos: o alto e o baixo. Os tons médio, ascendente e descendente aparecem por assimilação tonal.” (SITOE, 1996, p.301).

Hoje, o xichangana tem empréstimos do português, do inglês, do afrikaans⁶ e do zulu (estas três últimas línguas faladas na África do

⁶ Holandês africano ou Afrikaans ou africâner ou africânder é uma língua de origem germânica falada na África do Sul e Namíbia criado por fazendeiros (fazendeiros) e expandido por agricultores e ser funcionários bem como dos mineiros. O afrikaans é uma língua oficial tal como o zulu, xhosa, ndebele, swazi, sepedi, tswana, tsonga, venda, inglês e sotho.

Sul). É importante mostrar algumas particularidades do xichangana: Segundo Ngunga e Simbine (2012) o xichangana tem 38 grafemas do alfabeto muitos deles inexistentes em português. Segundo Ngunga e Faquir (2011) há consoantes especiais como é o caso das “implosivas [b] e [d] que se escrevem **b’** e **d’**, respectivamente para se distinguirem das oclusivas [b] e [d] que se escrevem **b** e **d**, respectivamente.” São exemplos de *b’ava* (pai), *kubana* (ser amargo), *d’okomela* (fruto) e *faduku* (lenço). Outro aspeto especial a considerar são os cliques velar não-vozeado [!], velar vozeado [g!] e velar nasal [ŋ!] são grafados como **q**, **gq** e **n’q** como nos exemplos⁷: *xiqamelo* (travesseiro), *n’gqhondho* (juízo), *n’qolo* (carroça). É frequente se ver a pré-nasalização nas consoantes **b**, **f**, **p** e **v**: *mpùmga* (arroz), *mbuti* (cabrito), *nfenhe* (macaco), *mpsandla* (rã), *mvhuche* (carvão em pó), *mpfula* (chuva).

1.4 Ortografia da língua xichangana

A escrita surgiu da necessidade de registrar o cotidiano. A escrita, segundo Fischer (2009, p.14) atende três objetivos: **(a)** A escrita completa deve ter como objetivo a comunicação; **(b)** a escrita completa deve consistir de marcações gráficas artificiais feitas numa superfície durável ou eletrônica e **(c)** deve usar marcas que se relacionem convencionalmente para articular a fala ou programação eletrônica, de uma maneira que a comunicação seja alcançada.

A escrita teve sua origem na suméria e os egípcios tomaram a ideia desenvolvendo os hieróglifos. O sistema de escrita no Egito começou a se expandir e a ser mais desejada no mundo. Ao longo do tempo essa escrita foi substituída pela escrita alfabética dos invasores gregos. Apesar disso as línguas de origem bantu espalhadas na África central e sul não adaptaram nenhuma ortografia e permaneceram ágrafas. A tradição oral é uma característica dos povos bantu na sua maioria, visto que a escrita iniciou com o alfabeto latino ou romano. As primeiras listas de palavras em línguas bantu, chamado de “regimento” (que até se pode considerar como primeiros dicionários) surgiram no século XVI com capitães portugueses. (cf. SITO, 1991, p.15). Mais tarde marinheiros e outros exploradores começaram a

⁷ Exemplos de Ngunga e Faquir (2011, p. 228).

descrever as l3nguas s3 que cada um usando a sua ortografia baseada no alfabeto latino.

Sobre o xichangana e as restantes l3nguas bantu moçambicanos 3 importante dizer que houve muitos debates sobre qual ortografia devia ser adotada e quais os consensos com rela333o a alguns sons. Para se entender os problemas com a ortografia observemos o quadro 1. Ele ilustra as v3rias propostas para a escrita de alguns sons:

Autor	Ano	S3mbolo									
		/b/	/c/	/d/	/j/	/h/	/b/	/N/	/ŋ/	/v/	/s/
Bleek	1862		dsh					ny	ŋ	v	
Bleek	1869		tsh					ny	ŋ	v	
Ribeiro	1965	b	ch	d	dj	hl		ny	N	v	bs
NELIMO	1989	bh	c	dh	j	hl	dl	ny	n'	v	sv
Sitoe	1996	b'	c	d'	j	hl	dl	ny	n'	v	sv
Sitoe	2001	b'	c	d'	j	hl	dl	ny	n'	v	sv
Sitoe e Ngunga	2000	b'	c	d'	j	hl	dl	ny	n'	v	sv
Ngunga e Faquir	2011	b'	c	d'	j	hl	dl	ny	n'	v	sv
Proposta (I)	-	b'	c	d'	j	hl	dl	ny	n'	v	sv
Proposta (II)	-	ḃ	c	d	j	ḥ	ḏ	Ḥ	ŋ	v	ṣ

Tabela 1 - Cronologia de representa33o gr3fica de alguns sons de xichangana.

Fonte: Ngunga; Simbine (2012, p.75).

Depois da independ3ncia em 1975, v3ria “Semin3rios de Padroniza33o da Ortografia” foram realizados: 1º Semin3rio em 1988); 2º Semin3rio em 1999 e o 3º Semin3rio em 2008). A l3ngua xichangana possui um conjunto de cinco vogais tais como acontece em portugu3s. Os sons voc3licos s3o **a, e, i, o, u**. Na l3ngua xichangana distingue dois tipos de grafemas: os grafemas simples (22 grafemas) e os grafemas compostos (16 grafemas). O acr3scimo de letras no alfabeto latino se justifica pelo fato de que o “alfabeto latino n3o satisfazia na sua ess3ncia as exig3ncias de muitos sons das l3nguas africanas, um subcomit3 do Instituto encarregado de tratar do assunto do assunto decidiu aumentar o n3mero de letras desde alfabeto e adapt3-lo para escrita das l3nguas africanas” (NGUNGA, 2004, p.59).

1.4.1 Grafemas simples (consoantes): **b** (*mùbalù/cobertor*), **b'** (*b'ànga/bar*), **c** (*xìcàpilà/ barbatana*), **d** (*dòdà/conselheiro, anci3o, l3der*), **d'** (*d'òhe/amendoim tenro*), **f** (*màfi/leite*), **g** (*gùgù/ precipita33o; falta de calma*), **h** (*hìkà/ alma; f3lego*), **j** (*jèle/prisa3o*), **k**

(*kùhela*/apenas; só), **l** (*làrà*/aqui), **m** (*màsèvè*/compadre; comadre), **n** (*nàwù*/lei; regra; norma), **n'** (*n'wanà*/criança), **p** (*pòmpi*/torneira), **q** (*qàtha*/pedaço de carne), **r** (*rìsiva*/pena de ave), **s** (*rìsèma*/cheiro; fedor), **t** (*tàtana*/pai), **v** (*xiviti*/rancor), **x** (*xìmombo*/testa) e **z** (*zenzhè*/pulga).

1.4.2 Grafemas compostos (grupos consonânticos): **bv** (*bvulè*/boneco de trapos), **bz** (*bzàla*/bebida), **dl** (*ku dlaya*/matar), **dz** (*dzuvi*/espuma), **gq** (*gqèke*/pátio; terreiro), **hl** (*ku nlàmpsà*/lavar), **lh** (*ku lhuma*/conviver; divirtir-se), **ny** (*nyaàndza*/feixe; molho), **pf** (*Ku pfuxa*/ acordar), **ps** (*pshìli*/assobio), **sv** (*svatwàlà*/está claro; está correto), **tl** (*ku tlùla*/ saltar), **ts** (*ku tsèma*/cortar), **vh** (*vhùthà*/aumentar de intensidade ou força), **xj** (*xjìnela*/janela), **zv** (*kuzviyala*/estar sujo).

Como se pode observar os grupos consonânticos da língua xichangana se distância com a realidade do português e do inglês daí a dificuldades na adequação à ortografia.

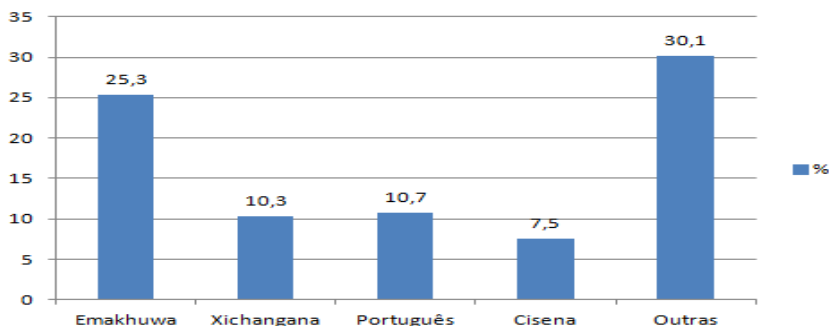
1.5 Política linguística e planejamento linguístico

A língua portuguesa em Moçambique tem o estatuto de língua oficial, segundo a Constituição da República de Moçambique (2004, p.3). No artigo 9, do documento nota-se que “o Estado valoriza as línguas nacionais como patrimônio cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares”. Esta valorização não passa de um reconhecimento que não dá nenhum prestígio às línguas bantu. As línguas bantu moçambicanas não têm nenhuma utilidade oficial sendo usadas nas comunidades onde elas ocorrem.

Olhando para os dados do gráfico abaixo nota-se que o número de falantes de português como língua materna tende a crescer diminuindo assim as línguas bantu. A ideologia colonial de que as línguas bantu são dialetos, a educação massiva, a deslocação de pessoas do meio rural para cidade, a necessidade de integração no mercado de emprego e a globalização faz com que os moçambicanos tende a aprender português cada vez mais.

Por enquanto pode-se afirmar com convicção de que a maioria da população moçambicana fala o emakhuwa (25,3%) e xichangana

(10,3%) e cisena (7,5%) l3nguas que se distribuem no norte, centro e sul respectivamente (cf. MINED, 2011). Tendo em conta a realidade moçambicana podemos afirmar com convicção que Moçambique tem uma populaç3o “bant3fona” em seu contexto real, at3 porque muitos cidad3os, principalmente na zona rural n3o se identificam com a l3ngua portuguesa. Sob o ponto de vista pol3tico, Moçambique 3 lus3fono, mas sob o ponto de vista pr3tico, social e concreto, Moçambique possui uma populaç3o majoritariamente bant3fona, tal como se pode constatar no gr3fico 2 a seguir:



Gr3fico 1- Distribuiç3o da populaç3o com mais de 5 anos por l3ngua materna

Fonte: Minist3rio da Educaç3o do Moçambique (2011, p. 27).

As pol3ticas p3blicas valorizam o portugu3s e desprezam de certa forma as l3nguas locais. Considera-se desprezo com relaç3o às l3nguas bantu moçambicanas porque pa3ses tais como 3frica do Sul, Tanz3nia, Suazil3ndia, Nam3bia oficializaram as suas l3nguas locais e n3o ficaram divididos politicamente. A dificuldade de aprender a l3ngua portuguesa se verifica nas escolas sinalizadas pelo baixo aproveitamento escolar ou mesmo o fraco do portugu3s.

As fronteiras lingu3sticas ultrapassam as fronteiras pol3ticas. Liphola (2009, p.17) chama-se fen3meno de l3nguas transfronteiriças. O autor recenseou 17 l3nguas bantu transfronteiriças. O xichangana para al3m de ser falado em Moçambique 3 falado na 3frica do Sul, partes do Zimb3bue, Malaui e na regi3o fronteira de Suazil3ndia, segundo Muturzikin (2007).

Sobre o planejamento lingu3stico nota-se que h3 pouco incentivo governamental para promoç3o e difus3o das l3nguas bantu. Sen3 vejamos:

qualquer membro de uma comunidade linguística tem o direito de dispor na sua língua de todos os meios necessários ao exercício da atividade profissional, como por exemplo, documentos e livros de consulta, instruções, formulários e equipamentos, utensílios e programas informáticos (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGÜÍSTICOS, 1996, seção VI, Art. 47).

Numa pesquisa feita em seis distritos onde se experimenta a educação bilíngue constatou-se não havia nenhum livro de leitura, nenhuma gramática, nenhum dicionário, nenhum livro infantil escrito em uma língua bantu moçambicanicana, fato que nos leva a crer que é preciso fazer mais para a divulgação dessas línguas (cf. NGUNGA; BAVO, 2011, p.26). Por isso que os autores falam na “urgência na documentação em línguas locais”. Para além da existência de línguas europeias em Moçambique há que considerar a existência do árabe predominante na religião muçulmana que mais predominante no norte do país.

A língua árabe é, geralmente, conhecida através da sua forma escrita por força de religião muçulmana que é predominante na região costeira do país. Geralmente, os muçulmanos memorizam as orações e os textos corânicos bem como o alfabeto que depois podem usar para escrever não só o árabe, mas também as suas línguas, como é o caso de emakhuwa (NGUNGA; BAVO, 2011, p. 25).

O árabe trouxe as palavras *kofiyò* (chapéu/boné que os muçulmanos põe na cabeça), *mandarasa*, *mexikita* (edifício no qual se fazem os cultos).

2 A língua xichangana vs língua portuguesa vs língua inglesa

A situação linguística em Moçambique porque não só envolve as mais de vinte línguas faladas no território mas também línguas predominantes nos países vizinhos. Vamos nos concentrar no impacto que o português e o inglês têm com relação ao xichangana. Note-se que o inglês é considerada como língua estrangeira enquanto o português é oficial.

O ingl3s 3 falado em cinco pa3ses vizinhos de Moçambique nomeadamente a Suazil3ndia, Africa do Sul, o Zimb3bue, Malaui, e Tanz3nia. Moçambicanos se descolocam aos pa3ses vizinhos a procura de emprego. O pa3s que recebe mais estrangeiros 3 a Rep3blica da 3frica do Sul. 3 neste 3mbito que moçambicanos falantes de xichangana ao chegar na 3frica do Sul integram o l3xico do xichangana falado naquele pa3s e trazem para o pa3s de origem-Moçambique. Outras quest3o 3 causada pelo fraco dom3nio do ingl3s que faz com que hajam empr3stimos no xichangana. Essa m3o de obra ao voltar para Moçambique influ3ncia aos restantes falantes principalmente nas prov3ncias de Gaza e Maputo.

2.1 Situaç3o do contato lingu3stico

Entende-se por contato lingu3stico a conviv3ncia harmoniosa ou conflituosa entre duas ou mais l3nguas no mesmo espaço geogr3fico. Isso acontece quando pessoas com experi3ncias lingu3sticas diferentes interagem umas e outras como intuito de comunicar.

Em Moçambique nota-se a exist3ncia de mais de vinte l3nguas que est3o em contato entre si e com o portugu3s e outras l3nguas faladas nos pa3ses vizinhos. 3 uma situaç3o complicada que obriga sempre ao pesquisar separar de forma clara o que se pretende analisar. As cidades, ou melhor, as zonas urbanas na maioria dos casos s3o um espaço de “mistura lingu3stica” no qual as pessoas se socorrem do portugu3s para resolver embaraços lingu3sticos. O portugu3s apesar de ser uma l3ngua minorit3ria une os moçambicanos em todo pa3s. Seria dif3cil, por exemplo, que um falante de xichangana (sul do pa3s) pudesse se comunicar com um falante de emakhuwa, no norte do pa3s porque essas l3nguas n3o s3o ineleg3veis.

Poucos estudos se interessam pelas interfer3ncias lingu3sticas entre as l3nguas bantu. Mas seria interessante se aprofundar nesse sentido porque sabe-se que as l3nguas variam e mudam segundo as vari3veis sociais e lingu3sticas. A presença de estrangeirismos e empr3stimos numa l3ngua s3o sinais da presença de contato lingu3stico seja ele direto ou indireto. H3 que considerar dois tipos de estrangeirismos e empr3stimos quanto a funç3o. Os estrangeirismos podem ser necess3rios (quando o seu equivalente for inexistente na

língua de chegada) ou de luxo (quando a palavra é inserida por razões de estilo ou prestígio) (cf. TIMBANE, 2012a).

2.2 Interferência do português vs xichangana

O português e o xichangana estão em contato trocando entre si empréstimos e estrangeirismos a nível lexical. Há interferências vindas tanto do português quanto no xichangana trazendo mudanças e variações a nível sintático, morfológico, semântico, fonético-fonológico, etc. Na LP, por exemplo, a nível fonético constata-se a troca de sons vozeados (sonoros) [**b**, **d**, **g**] para sons oclusivos não-vozeados (surdos) [**p**, **t**, **k**]. Quer dizer, [**b**] troca por [**p**], [**g**] por [**c**] e [**d**] por [**t**]. Vejamos alguns exemplos:

- a) [banana] vs [panana]
- b) [galinha] vs [calina]
- c) [dedu] vs [tetu]

Formação do tipo: Consoante/Vogal/Consoante/Vogal e assim em diante. (cf. APONTES, 2010, p. 48). Exemplo, o xichangana ao adaptar a unidade lexical “prato” será grafado e pronunciado *paratú*.

Papel (palavra portuguesa) passa a ser adaptado no xichangana como *papelà* ou também *phèphà* proveniente do inglês *paper*.

Segundo Timbane (2012a), as palavras *matorritorri*, *xiguinha*, *xigovia*, *ntchuva*, *matapa*, *timbila*, *cacana* são estrangeirismos de luxo na língua portuguesa pois não existem os seus equivalentes em português. Na LP os verbos vindos do xichangana são integrados nos verbos da primeira conjugação, quer dizer, aos verbos que terminam em **-ar**. É o caso dos verbos *-nholar* (servir os outros no jogo), *palhar* (evocar aos antepassados), *tchovar* (empurar), *guadjissar* (fazer arrastão) que correspondem aos verbos *ku nhola*, *ku palha*, *ku tchova*, *ku guadjissa* respectivamente.

Ngunga (2012, p.10) mostra as interferências fonéticas das línguas bantu (nos exemplos, do xichangana) na língua portuguesa.

- Inserção de nasal: nas unidades exicais do português:
 - a) *enconomiya* [eNkono _mija] economia
 - b) *enzagero* [enza _Zeru] exagero
 - c) *enzame* [en _zame] exame
 - d) *enzixte* [enzi _xte]

- e) *enzerisiyu* [enzeri _ sisiju] exercício
- f) *narinxi* [na _ rinXi] nariz

As interferências das línguas bantu no português ocorrem nos meios de comunicação, na literatura (cf. TIMBANE, 2012b; GONÇALVES; CHIMBUTANE, 2003) e na fala cotidiana dos moçambicanos.

2.3 Interferências do inglês no xichangana

A língua xichangana tem emprestado unidades lexicais inglesas com objetivo de preencher lacunas. Aliás, o inglês é uma língua que se integra em quase todas línguas impulsionado pelo prestígio e pela novas tecnologias de comunicação e informação. As palavras como *pendrive*, *show*, *pendrive*, *bullying*, *delivey*, *shopping* (TIMBANE, 2012a, p. 8) revelam o prestígio que o inglês tem. São palavras integradas de tal forma que não causam estranheza na fala de muitos moçambicanos.

3 Cenário da língua xichangana nos mídias

3.1 O xichangana na televisão

A língua xichangana é pouco usada nos meios de comunicação. A televisão Record Moçambique ocupa trinta minutos na grelha de programação para dar noticiário em língua xichangana. É um exemplo raro, pois as outras emissoras não privilegiam as línguas locais. Os principais canais televisivos em Moçambique são: Televisão de Moçambique (TVM), A Televisão Soico (STV), Rádio e Televisão Pública-ÁFRICA, Televisão Independente de Moçambique (TIM), Record-Moçambique (MIRAMAR), KTV todos transmitindo em língua oficial, o português (cf. CHICHAVA; POHLMANN, 2010, p.130). A música (clipes) em língua xichangana é mais frequente nos canais televisivos.

3.2 O xichangana no jornal

Os principais jornais de Moçambique são “Notícias”, “Verdade”, “Savana”, “O país”, “Fim de semana” “Zambeze”,

“Wamphula”, “Media fax” e todos são escritos em língua portuguesa. Essa atitude se justifica pelo fato de que o jornal circula nas grandes cidades e é lido por pessoas alfabetizadas, quer dizer pessoas que tem conhecimento do português por ser língua oficial.

Apesar da existência de uma percentagem de maior de falantes das línguas bantu estas são pouco estudadas senão na universidade. A educação ainda é monolíngue na sua maioria o que não permite que haja leitores em línguas bantu. A educação bilíngue está sendo experimentada em todo país e setenta e cinco escolas sendo 8 em xichangana.

3.3 O xichangana na rádio

A Rádio Moçambique é a única mídia Moçambique que valoriza de forma satisfatória as línguas bantu moçambicanas. A rádio Moçambique utiliza 18 línguas bantu moçambicanas nos seus emissores provinciais. As emissões são feitas 24 horas por dia e versam vários assuntos incluindo notícias, programas infantis e música variada. Segundo Chichava; Pohlmann (2010, p. 135) o aumento das rádios comunitárias que transmitem em línguas bantu vêm responder aos problemas do analfabetismo, pois, a maioria da população não fala português, mas sim as línguas bantu. Quer dizer, se as rádios apostam suas emissões em português (principalmente nas zonas rurais) correm o risco de não ter ouvintes ou mesmo a mensagem não chegar ao destinatário, pois a maioria não fala português.

Sintetizando: os *mídias* moçambicanos, principalmente as públicas violam a Carta da Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos (1996), pois não preconizam o direito à informação que os cidadãos têm. Nota-se que a expansão da educação bilíngue pode incentivar o estudo, pesquisa e expansão das línguas bantu moçambicanas bem como a criação de mais instrumentos do tipo dicionários, gramáticas e outras literaturas. É “preciso celebrar a diversidade e promover ações para preservar a diversidade do patrimônio lingüístico sem manipulação por parte das elites que detêm o poder” (LIPHOLA, 2009, p. 19). Liphola acrescenta que “a diversidade do patrimônio lingüístico é parte integrante da sociedade, cuja gestão exige esforços locais e regionais para o reforço do conhecimento e respeito mútuos”.

4 Metodologia e o corpus

4.1 Metodologia

Para a pesquisa baseou-se no *Dicionário changana-português* instrumento considerado o mais importante na língua xichangana. É um dicionário composto por mais de 12000 verbetes que visa (a) favorecer ao falante do xichangana os meios para exprimir em português oralmente ou por escrito algo que tenha formulado em xichangana; (b) favorecer ao falante do português os meios necessários para exprimir em xichangana oralmente e por escrito algo que tenha formulado em português; (c) fornecer ao falante de português os meios necessários para compreender o que ouve ou lê em xichangana. (cf. SITOE, 1996).

O dicionário constitui um instrumento para o estudo da língua xichangana e serve de referencia para qualquer estudo nesta língua. O dicionário apresenta do fim uma parte reservada à gramática de forma resumida fato que torna o dicionário um instrumento mais completo. Com o dicionário analisou-se a formação de várias unidades lexicais atendendo a sua origem e os processos de integração na língua. Página por página observou-se unidades lexicais que provêm do português ou do inglês bem como os processos linguísticos que comparticipam na sua integração.

4.2 O corpus e análise das unidades lexicais no dicionário xichangana-português (SITOE, 1996)

Durante muitos anos (décadas 60, 70 e 80) muitos moçambicanos deslocavam-se para África do Sul, com objetivo de obter emprego nas minas de ouro e de carvão. Na região sul do país era tradição que os jovens fossem trabalhar nas minas antes do casamento. O regresso desse grupo moçambicanos das minas da África do Sul (na maioria homens e jovens) trouxe mudanças bruscas do xichangana principalmente nas províncias de Maputo e de Gaza. Site (1996), no seu dicionário de português-xichangana apresentou que 13,5% de verbetes eram empréstimos, como se pode ver no gráfico 2.

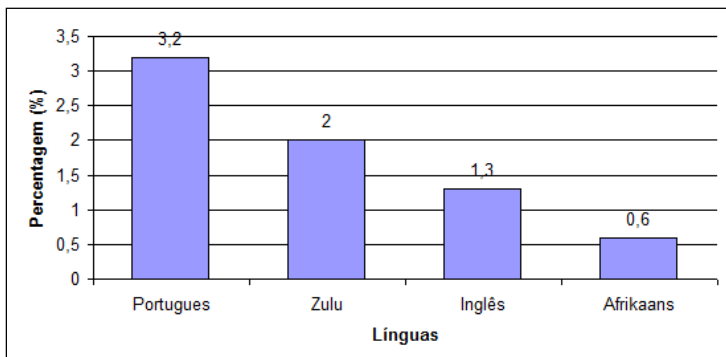


Gráfico 2- Línguas presentes no xichangana.

Fonte: Siteo (1996)

O gráfico mostra que em 12000 verbetes que o dicionário xichangana-português apresenta 385 de verbetes provêm de português, 243 do zulu, 167 do inglês e 83 do afrikaans. A maior parte desses empréstimos preenchem lacunas lexicais para descrever realidades novas ou mesmo antigas. Mas também há casos de abandono de palavras já existentes em xichangana. É interessante a apresentação de alguns exemplos de empréstimos vindos do afrikaans para o xichangana: *tafula* (*tafel*)=mesa, *buluku* (*broek*)= calça, *aparitedi* (*apartheid*)=segregação racial, *bueru* (*boer*) = fazendeiro, *vòròsò* (*wors*)=linguiça, *bàsòpa* (*aso op*)=cuidado.

A África do Sul foi e continua sendo referência econômica na região Austral de África. Sendo assim, a ida de moçambicanismos a procura de emprego faz com que as línguas sul-africanas sejam mais privilegiadas em Moçambique. A presença de empréstimos do inglês, do zulu e do afrikaans no xichangana justifica os nossos argumentos.

4.3 Os empréstimos vindos do português

4.3.1 Empréstimo baseado na fonética

Em muitas palavras provenientes do português importa-se a sequência fonética. Vejamos os exemplos:

san (singular) = maçã vs *masan* (plural) do português “maçãs”

xicola (singular) = escola vs *svicola* (plural) do português “escolas”

jànèla (singular) = janela vs *majànèla* (plural) do português “janelas”

xitantè (singular) = estante vs *svitantè* (plural) do português “janelas”

O que se entende na adaptação destas unidades lexicais é que houve adaptação fônica da palavra portuguesa para o xichangana mantendo o valor semântico original.

4.3.2 Empréstimos semânticos em palavras do xichangana

O que se constata neste ponto é que algumas unidades lexicais novas surgem pela adaptação da referência do objeto, mas sempre partindo da ideia ou conceito. Vejamos os exemplos de (a) à (f):

Exemplos:

(a) *xifambù* (aquilo que serve para andar) sapato

(b) *xitsamù* (aquilo que serve para sentar) cadeira

(c) *xifenyù* (aquilo que serve para pentear)

(d) *xihàhà-moya* (aquilo que voa no ar) ou *xihànpfuka* (aquilo que voa no espaço) avião

(e) *xikòma-moya* (aquilo que sintoniza frequência) rádio

(f) *xizàzù* (aquilo que serve para ralar coco)

Estes exemplos mostram que estas realidades eram inexistentes no português e ao invés de se inventar uma palavra ou mesmo fazer-se um empréstimo os falantes colocam a definição do objeto ou fenômeno. Quer dizer, a partir dos detalhes do objeto ou fenômenos se forma a palavra.

4.3.3 Empréstimos lexicais a partir de onomatopeias

Há unidades lexicais na língua xichangana que surgem na base de imitação de sons, quer dizer onomatopeias. Neste contexto se fala de objetos que chegaram com a civilização europeia. Vejamos alguns exemplos:

xithúthúthú que significa moto provem da imitação do som do veículo.

xibhàmù que significa arma de fogo que provem da imitação do som do objeto

xicorocoro som feito por um “carro velho” e significa “ carro velho”

Psonpsa som de beijar, que significa “beijo” em xichangana

Este aspecto se associa ao que Ngunga e Simbine (2012) designam por idiofones. Para os autores os idiofones seriam uma espécie de palavras-imagem que podem ter a estrutura consoante-vogal (CV) ou consoante-vogal-consoante (CVC) ou ainda consoante-vogal-consoante-vogal (CVCV).

Exemplos:

baa! : significa “branco”

ngolo! : ato de entrar

gê! : significa “negar” *gogogo!* : bater a porte repetidamente

gu! : significa “ bater”

txim! : sujo; escuro

4.4 Os empréstimos vindos do inglês para o xichangana

A língua inglesa tem contribuído com vários empréstimos e estrangeirismos em quase todas as línguas, tal como discute Timbane (2012a) em “Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique”. A língua portuguesa, por exemplo, tem recebido várias unidades lexicais que vêm enriquecer a língua. As palavras *gol*, *aids*, *pendrive*, *radar*, *delivery*, *shopping*, etc, provêm desse prestígio que o inglês tem na arena internacional. Vejamos alguns exemplos:

bixopo (classe 1) = bispo, do inglês *bishop* vs *vabixopo* (classe 2) = bispos

xipunu (classe 7) = colher, do inglês *spoon* vs *svipunu* (classe 7) = colheres

thaye (classe 1) = gravata, do inglês *tie* vs *mathaye* (classe 6) = gravatas

pompi (classe 1) = torneira, do inglês *pump* vs *mipompi* (classe 4) = torneiras

watchi (classe 1) = relógio, do inglês *watch* vs *mawatchi* (classe 6) = relógios

bòtì (classe 1) = barco, do inglês *boat* vs *mabòtì* (classe 6) = barcos

djèki (classe 1) = blusa/ casaco de frio, do inglês *jacket* vs *madjèki* (classe 6) = blusas/casacos

Ao analisar estas unidades lexicais percebe-se na integra33o no xichangana entra integrando-se na classe 1, isto 3, com prefixo zero. Nas palavras acima exposta nota-se que ao marcar a concord3ncia no plural, as unidades lexicais se integram nas classes 2, 6, 7. Adapta33o ortogr3fica 3 not3vel nestas unidades lexicais.

4.5 Os empr3stimos vindos da l3ngua zulu (3frica do Sul) para xichangana

Apesar da l3ngua zulu n3o ser objeto de pesquisa 3 importante mostrar que alguns empr3stimos do xichangana t3m origem nessa l3ngua. Como se pode depreender esse fen3meno 3 resultado do grande n3mero de mo3ambicanos que foram trabalhar nas minas da 3frica do Sul. A mudan3a lexical do xichangana se deve a raz3es hist3rica na sua maioria. Vejamos alguns exemplos:

xith3nda-moya (do zulu , significa “gosta de ar”)

xinkwa (do zulu significa “p3o feito de farinha de milho ou de trigo)

xicorocoro (do zulu “carro/lata velha”)

sangoma (do zulu “curandeiro” ou “m3dico tradicional”)

tsotsi (do zulu “ladr3o”)

siyavhuma (do zulu “aceito” ou “concordo”)

xiguevengo (do zulu “bandido” *izigebengu*)

Considera33es finais

O importante a reter 3 que o xichangana e as outras l3guas bantu t3m caracter3sticas comuns: **(a)** ter um sistema de g3neros gramaticais, em numero n3o inferior a cinco; **(b)** ter um vocabul3rio comum a outras l3guas e **(c)** ter um conjunto de radicais invari3veis a partir dos quais a maior parte de palavras se forma por aglutina33o de afixos.

A l3ngua xichangana tende a mudar resultado do contato entre esta e outras l3guas africanas e europeias. Notam-se fen3menos de interfer3ncia que conduzem a varia33o e mudan3a lingu3stica. As l3guas bantu faladas nas zonas urbanas t3m maior influ3ncia do portugu3s resultado pelo aumento expressivo de falantes de portugu3s

resultado da escolarização obrigatória e de prestígio do português protegido pela Constituição da República de Moçambique (2004).

O inglês trouxe para o xichangana muitas unidades lexicais por meio de empréstimos e estrangeirismos muitos deles trazidos no momento da “caça ao ouro” na África do sul. Estas palavras vieram fechar as lacunas de situações e objetos anteriormente inexistentes ou mesmo para mostrar o prestígio do inglês. Hoje, o inglês é uma língua internacional e a nova geração é que traz novos referentes para o xichangana. Não tem como dizer **livro, máquina, colher, cama, carro, bola** em xichangana, pois eram realidades inexistentes na língua. Houve necessidade de emprestar no inglês para cobrir essa necessidade imediata fazendo surgir as palavras **buku** (do inglês *book* que significa “livro”), **ngini** (do inglês *engine*, que significa “máquina”), **xipunu** (do inglês *spoon*, que significa “colher”), **mubedu** (do inglês *bed*, que significa “cama”), **mhòvâ** (do inglês *to move*, que significa “carro”), **bhòlwa** (do inglês *ball*, que significa “bola”) respectivamente.

O contato do português no território da comunidade linguística *vachanagana* trouxe também muitas unidades lexicais que até hoje prevalecem e que devem ser dicionarizadas. Os empréstimos linguísticos ao português podem ser necessários ou de luxo.

(a) Empréstimos necessários: *xikolo* (escola), *matega* (manteiga), *celulari* (celular), *kaxà* (caixa), *lapì* (lápis), *micorofònè* (microfone)

(b) Empréstimos de luxo: *prisorì* (professor) veio substituir *mufundisì*. *Pànèla* (panela) que substitui *nguèlo*; *xithòria* (história) existe a palavra *màtìmù*.

A pressão vinda do português e do inglês mudará o cenário futuro da língua xichangana. O xichangana apesar de ser a segunda língua mais falada de Moçambique tende a decrescer resultado do

(a) aumento da população estudantil;

(b) aumento de crianças cuja sua língua materna é o português

e (c) ausência de incentivo governamental para expansão e divulgação da língua às novas gerações

O léxico presente numa comunidade linguística reflete como esse povo está organizado social-cultural e economicamente constituindo um meio de aproximação nas experiências vividas. A língua está sempre ligada à história de um povo fato bem apresentado

com a história do grupo bantu. É impossível estudar a língua fora do seu contexto social. A teoria de variação de Labov sustenta a tese de que os contextos socioculturais é que ditam a realidade de um povo. É importante sublinhar que as variáveis sociais e linguísticas devem ser tidas em conta. O xichangana é uma das línguas africanas que está numa fase de mudança muito acelerada causado pelo contato com as várias línguas.

Referências

APONTES, Selmo Azevedo. Acomodação de palavras bantu em português: algumas consequências morfofonológicas. *Revista Philologus*. Ano 16, nº 46, Rio de Janeiro: CiFEFil, Jan-abr. 2010. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/46sup/05.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2012.

BONVINI, Emílio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007.

CASTRO, Yeda Pessoa de. A matriz africana no português brasileiro. In: CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: SCTEB, 2006.

CHICHAVA, Sérgio; POHLMANN, Jonas. Uma breve análise da imprensa moçambicana. *Desafios para Moçambique*. 2010. p. 127-138. Disponível em: <http://www.iese.ac.mz/lib/publication/livros/des2010/IESE_Des2010_5.ImpMoc.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2012.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS LINGÜÍSTICOS. Barcelona, 6 a 9 de Junho de 1996. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf>_Acesso em: 11 mar. 2012.

FISCHER, Steven Roger. *História da escrita*. São Paulo: UNESP, 2009. (trad. Mirna Pinsky).

GONÇALVES, Perpétua; CHIMBUTANE, Feliciano. *O papel das línguas bantu na génese do português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais*. Maputo: UEM, 2003. Disponível em: <<http://abecs.dominiotemporario.com/ojs/index.php/papia/article/viewFile/2/pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

GREENBERG, Joseph Harold. *Essays in linguistics*. 6. ed. Chicago/London: UCP, 1972.

_____. Language, culture and communication. In: DIL, Anwar Saega (org.). *Essays by Joseph H. Greenberg*. Stanford, California: Stanford University Press, 1971.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

LIPHOLA, Marcelino. Desafios na gestão da diversidade do patrimônio linguístico em Moçambique. *Folha de linguística e literatura*. n. 14, Maputo, outubro 2009. p. 9-19. Disponível em: <http://www.flcs.uem.mz/files/folhaling/folhaLL_17.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2013.

MAPA: Classificação das línguas bantu. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADnguas_bantas>. Acesso em: 02 jan. 2012.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 3. ed. Porto: Livraria Figueirinhas, 1948.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DE MOÇAMBIQUE. *Plano tecnológico da educação*. Maputo: MINED, 2011. (1ª versão). Disponível em: <http://www.ptemocambique.leadership-bt.com/images/stories/Plano_te_v1.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2012.

MUTURZIKIN. *Mapas linguísticos: Moçambique*. 2007. Disponível em: <<http://www.muturzikin.com/cartesafrique/19.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

NGUNGA, Armindo. Interferências de línguas moçambicanas em português falado em Moçambique. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*. 2012. v. 1, n. 0 (ed. Especial.), p.7-20.

_____. *Introdução à linguística bantu*. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

_____; SIMBINE, Madalena Cintia. *Gramática descritiva da língua changana*. Maputo: CEA/ UEM, 2012.

_____; BAVO, Názia Nhongo. *Usos e práticas linguísticas em Moçambique: avaliação da vitalidade linguística em seis distritos*. Maputo: Imprensa Universitária, 2011.

_____; FAQUIR, Osvaldo Guirruço. *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do 3º Seminário*. Maputo: CEA/UEM, 2011.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Línguas africanas no Brasil. In CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra; MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: SCTEB, 2006.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. *Constituição da República*. 2004 (de 19 de novembro de 2004). Disponível em: <<http://www.mozambique.mz/pdf/constituicao.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2012.

SITOE, Bento. *Dicionário changana-português*. Maputo: INDE, 1996.

_____. *Lexicografia da língua tsonga: uma proposta metodológica*. 1991. 189 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Varsóvia, Departamento de línguas e culturas africanas. Varsóvia, 1991. Disponível em: <<http://www.saber.ac.mz/bitstream/10857/1831/1/LTP-019.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

TIMBANE, Alexandre António. O léxico nas crônicas de Arune Valy: uma identidade da moçambicanidade. *Revista Língua e Literatura*. v.14, n.23, dez 2012b. p. 25-51. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/384/1242>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

_____. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. *Via Litterae: Revista linguística e teoria literária*. Anápolis. v. 4, n. 1, jan-jun 2012a. p. 5-24. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/cel/article/view/1576/3065>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

Recebido em 20/06/2011

Aceito em 05/09/2011